

Sorriu, baixou os olhos para a pasta, parou de acariciá-la, depois voltou a me falar:

— Não obstante, também há erros em seu livro. Por exemplo, o encontro entre o conde de Cagliostro e o conde de Saint-Germain, a intimidade entre os dois.

Estendi os braços.

— Só encontrei à minha frente muitas lendas. E de resto devo confessar que não conheço a fundo a figura do mítico Saint-Germain. Li que ele era um dos mestres de Cagliostro, mas igualmente o contrário. Referi a lenda, segundo a qual o *imortal* Saint-Germain foi visto de novo em Paris durante a Revolução Francesa, e comentou: *vim ver a coroação da obra de meu discípulo Cagliostro*. Porém não acredito. Não acredito, em suma, numa certa explicação a cerca da maldição dos Templários, a do derradeiro mestre Jacques de Molay, em chave puramente histórica, verdadeiramente iluminista, segundo a qual a maldição dos Templários se completou com a decapitação de Luís XVI. Não verifico na Revolução qualquer conexão com a tradição templária, rosacruziana. Distingo, ao contrário, muitos elementos que traem a ação da contra-iniciação.

O velho anuía vagarosamente. Tinha tornado a acariciar a pasta azul, cujo conteúdo antes ou depois iria ver e que muito me incitava a curiosidade. Talvez houvesse ali algum documento inédito sobre Cagliostro, algo que me teria permitido encontrar uma ulterior explicação para a parábola do *mestre desconhecido*. Continuei a falar, explicando quais as minhas teses sobre o argumento.

Cagliostro não tinha vindo para dividir, mas para unir. Ele próprio o dissera e escrevera, mas demonstrara-o sobretudo pelo exemplo. E não é crível que uma tradição como a templária se limitasse a uma vingança temporal. É verdade que Filipe o Belo, Clemen-

te V e Nogaret morreram de acordo com a maldição lançada por Jacques de Molay quando ia ser queimado, após a perseguição e a destruição do Templo. É verdade que, segundo a maldição, o último descendente de Filipe o Belo foi mesmo encarcerado na fortaleza do Templo e guilhotinado, morto pela arma de justiça não intentada, como comumente se acredita, mas apenas adotada por proposta do doutor Guillotin, iniciado nos ritos templários. A maldição dizia textualmente: “Morro inocente, mas chamo perante o tribunal de Deus, dentro de um ano, o imperador e o papa. E o último descendente de Filipe o Belo morrerá nesta praça, assassinado por um templário”.

É verdade que o mesmo Cagliostro mostrou a Maria Antonieta, que o desafiava com arrogância a predizer-lhe o futuro, a cena da sua decapitação, num espelho negro, anunciando o fim dos Capeto e a morte do duque da Normandia, o advento de Napoleão e a morte no exílio de Pio VI.

Mas estes fatos não têm estreita ligação com o discurso iniciático tradicional. São realidades superiores, as que contam, realidades íntimas fora da contingência histórica, mesmo quando os Mestres devem influir com freqüência sobre a História, seja com a profecia, seja com a ação. E Cagliostro se serviu de ambas, terrivelmente. Porém jamais odiou e disse, desgostoso, que nada poderia fazer, se todos os seus inimigos acabavam de forma violenta. Teria rogado por eles, e se tivesse possibilidade de fazê-lo, ele igualmente os teria salvo. Em todo caso os perdoou.

É absurdo pensar que a tradição pudesse alinhar-se de um lado, na contingência histórica da Revolução Francesa. A facção é sectarismo, o oposto da prática esotérica pura. E, de resto, o outro grande iniciado, o conde de Saint-Germain, seria partidário da coroa, ao que se diz, e tentaria várias vezes salvar a rainha, mas